

Viscum album na medicina integrativa

Viscum album L. é uma planta semiparasita da Europa Central. Ela nasce sobre árvores e se nutre da seiva bruta das mesmas. Conforme a árvore que a hospeda ela pode assumir características morfológicas e químicas sutilmente diferenciadas.

Viscum album é reconhecido como medicinal desde a antiguidade, sendo que já Hipócrates, considerado o “pai da medicina”, mencionava a sua utilidade. O historiador Plínio, o Velho, que acompanhou o imperador romano Júlio César nas conquistas da Gália, descreve detalhes da sua importância na cultura celta e o uso ritual ou medicinal pelos druidas. Na Idade Média e depois, o *Viscum* tinha lugar certo no estudo dos alquimistas, como Paracelso. Com a homeopatia de Samuel Hahnemann ele foi estudado e introduzido nesta terapêutica. Mas somente no desenvolvimento da medicina antroposófica pela Dra. Ita Wegman, em colaboração com Rudolf Steiner, na segunda década do século XX, o *Viscum album*, preparado de forma complexa, foi introduzido no tratamento de pacientes com câncer.

Viscum album também faz parte de episódios mitológicos. Na mitologia nórdica ele é central no episódio da morte do deus Baldur, que desencadeia o Crepúsculo dos Deuses. Na mitologia greco-romana o herói Eneias usa um ramo de *Viscum* dourado para poder se encontrar com o pai no Mundo dos Mortos. Nos países de língua alemã costuma-se enfeitar a porta de casa com um ramo de *Viscum* na época de Natal e nos países de língua inglesa considera-se que um beijo trocado sob um arbusto de *Viscum* na época de Natal sela um compromisso amoroso pelo próximo ano.

A efetividade do uso de *Viscum album* no tratamento do câncer gerou a curiosidade do meio científico, que, desde os anos 1930, vem intensificando as pesquisas até o presente, tornando o produto da medicina complementar mais estudado.

Botânica

Três subespécies de *Viscum album* foram identificadas de acordo com o seu hábito parasítico: *V. album* ssp. *abietis* (Wiesb.) Abromeit só parasita coníferas do grupo dos abetos (*Abies* sp.), *V. album* ssp. *austriacum* (Wiesb.) Vollmann só parasita coníferas do grupo dos pinheiros (*Pinus* sp.) e *V. album* ssp. *album* L. parasita árvores decíduas. Estas subespécies correspondem aos tipos de *Viscum album* utilizados medicinalmente (A, M e P), sendo que, no caso de *V. album* ssp. *album* utilizamos exemplares que crescem sobre macieiras (*Pyrus malus* L.).

Constituintes químicos

Os principais constituintes ativos identificados no *Viscum album* são de natureza proteica. Na década de 1960 isolou-se um grupo de polipeptídeos de 46 aminoácidos com alto poder citotóxico e forte atividade imunológica. Eles são conhecidos como viscotoxinas A1, A2, A3, B, 1-PS e U-PS. Mais tarde, na década de 1980 foram identificadas lectinas (macromoléculas glicoproteicas compostas por duas cadeias proteicas interligadas por diversos resíduos sacarídicos). Elas são conhecidas como viscolectinas ML-I, ML-II, ML-III, VisalbCBA e cbML. Sua citotoxicidade foi verificada in vitro contra mais de uma centena de linhagens tumorais e a sua atuação sobre o sistema imunológico é estudada em profundidade. São conhecidos também outros grupos de substâncias com participação importante no efeito do *Viscum album*,

seja inibindo o crescimento de células neoplásicas, sendo atuando sobre o sistema imunológico: óligo e polissacarídeos, flavonoides, triterpenoides e compostos fenilpropânicos.

Um achado recorrente nas pesquisas farmacológicas é que o extrato total do *Viscum album* tem uma ação mais efetiva do que frações ou componentes isolados.

Farmacologia

Viscum album tem um marcante efeito citotóxico direto sobre células neoplásicas. Isto ocorre por um lado pela lise da membrana destas células e a consequente necrose do tecido tumoral. Por outro lado, ocorre uma interferência a nível ribossomal inibindo a síntese de algumas proteínas e indução da apoptose destas células. Observa-se também um efeito antiangiogênico.

Viscum album também exerce uma marcante imunomodulação, com aumento e ativação das células efetivas e aumento da liberação de citocinas. A ativação de células de ataque como as NK ou linfócitos T citotóxicos contribui para uma citotoxicidade indireta pela agressão das mesmas ao tecido neoplásico.

Um efeito interessante estudado a partir da observação clínica é a proteção que o *Viscum album* exerce sobre o DNA de células não tumorais contra o efeito inespecífico de fármacos antineoplásicos. Tem sido estudado também o efeito do extrato de *Viscum album* sobre o sistema neuroendócrino, reequilibrando-o e aumentando a liberação de betaendorfinas.

Na visão ampliada da medicina antroposófica, o *Viscum album* atua sobre a organização calórica, propiciando a retomada do controle sobre o crescimento desordenado e autonomizado do tecido neoplásico.

A capacidade de autorregulação e de resiliência são elevadas, melhorando a capacidade de salutogênese do organismo.

Viscum album na oncologia

Na oncologia integrativa, ao lado das intervenções que visam combater o tecido neoplásico, o cuidado com o paciente individual, especialmente como agente e condutor do próprio processo de cura, é enfatizado. Práticas com enfoque mais holístico no paciente entram no leque de opções no tratamento integral da pessoa com câncer. Nesta área também se insere a viscoterapia, uma vez que ela aborda o paciente como indivíduo e apoia os esforços do próprio organismo, de forma mais ou menos consciente, no seu reequilíbrio em direção à resolução da sua enfermidade.

A viscoterapia pode ser indicada para pacientes em todas as etapas do tratamento de câncer, em qualquer topologia, estágio e genótipo, incluindo tumores não malignos.

Na profilaxia, a viscoterapia pode ser aplicada em casos de lesões pré-cancerosas definidas e outras condições que possam desencadear um câncer no paciente. Com um diagnóstico de câncer, a viscoterapia aditiva pode ser iniciada, até antes de qualquer intervenção oncológica e depois concomitantemente a estas (cirurgia, quimioterapia, radioterapia) apoiando-as, elevando a tolerância do paciente às mesmas e melhorando a sua efetividade. A viscoterapia aditiva acompanha o paciente até a remissão. Depois passa-se à viscoterapia adjuvante, continuando a apoiar o paciente na recuperação da sua vitalidade, prevenindo a recidiva ou nova neoplasia.

A viscoterapia também pode ser essencial no cuidado paliativo de pacientes com câncer inoperável ou com metástases, melhorando a sua qualidade de vida e inibindo o avanço do câncer.

A indicação terapêutica formal do Viscum album é: De acordo com o conhecimento antroposófico do homem e da natureza. Incluem-se: doenças tumorais benignas e malignas, assim como doenças malignas dos órgãos hematopoiéticos e os distúrbios que as acompanham; Estimulação da atividade da medula óssea; Prevenção contra a recidiva de tumores; Pré-canceroses definidas; Doenças fronteiriças como, por exemplo, Doença de Crohn, males crônicos das articulações. Inibição do crescimento maligno sem prejudicar tecidos saudáveis. Aumento das forças de defesa e organização próprias do organismo (imunoestimulação). Estimulação da organização calórica, aumento da sensação de bem-estar e da disposição, também independentemente da localização do tumor. Alívio das dores condicionadas pelo tumor.

A única contraindicação absoluta à viscoterapia é a alergia conhecida específica a Viscum album, percebida com qualquer tipo de preparado de Viscum. No caso de o paciente estar passando por algum processo inflamatório agudo febril ($>38^{\circ}\text{C}$) deve-se aguardar a resolução da inflamação para introduzir ou reintroduzir a viscoterapia. No caso de o paciente sofrer de alguma doença autoimune (ou ter recebido um transplante heterólogo) e estar em tratamento com imunossupressores, não se deve realizar a viscoterapia enquanto a imunossupressão farmacológica persistir. Caso o paciente sofra de hipertireoidismo com taquicardia deve-se aguardar a estabilização do mesmo antes de iniciar a viscoterapia.

Viscoterapia na prática

Na viscoterapia a escolha do tipo de Viscum album A, M ou P (ou seja, de qual subespécie ou árvore hospedeira) é definida de acordo com características individuais do paciente, como o tipo de neoplasia, sexo, idade, constituição e estado do paciente, topologia, estágio etc. No geral ela é iniciada com injeções por via subcutânea em dose relativamente baixa, pois é esperada uma reação transitória no local de aplicação (pequeno eritema, edema, ardência e/ou prurido, às vezes alguma induração), bem como algum aumento na temperatura corporal – até 38 °C. Se a dose for muito alta, estas reações podem ser percebidas como excessivamente incômodas e dificultar a adesão do paciente. Tipicamente, iniciase com a aplicação de uma ampola de 1 mg, mas se o paciente for muito sensível ou estiver muito fraco uma ampola de 0,1 mg pode ser o bastante. A dose é gradualmente aumentada quando a reação local se tornar muito fraca ou deixar de haver aumento na temperatura corporal. A frequência de injeção é normalmente de 2 a 3 vezes por semana para os estágios tumorais de I a III, e de 3 vezes por semana a diariamente para estágio IV e tratamento paliativo.

Viscum album também pode ser utilizado por outras vias parenterais: a infusão endovenosa vem ganhando espaço em clínicas e hospitais integrativos. A injeção diretamente na lesão também é possível em alguns casos, além da via pleural (pleurodese), intravesical e intraperitoneal, em casos específicos. A via intramuscular não é recomendável por ser incômoda e não trazer benefícios na efetividade. Administração oral e tópica são pouco efetivas por causa da degradação dos compostos ativos.

Com exceção da viscoterapia preventiva no tratamento de pré-cancerose, em que ela é relativamente curta (3 a 6 meses, até o desaparecimento dos sinais preocupantes), o tratamento com Viscum album tende a ser relativamente longo. A viscoterapia aditiva é levada continuamente no ritmo e sequência mais favoráveis ao paciente enquanto durar o tratamento oncológico, até a determinação de remissão e alta, sem pausas. Na viscoterapia pós-remissão pode-se introduzir gradativamente pausas, por exemplo, de duas semanas depois de cada mês de tratamento no primeiro ano, depois um mês de pausa a cada mês de tratamento no segundo ano, e depois aumentando-se o tamanho das pausas entre os períodos de tratamento. Ela se estende enquanto houver a percepção objetiva e subjetiva de benefício ao paciente. Raramente é menor que três anos e normalmente deixa de ser necessária depois de cinco a seis anos. A viscoterapia paliativa é aplicada enquanto houver algum benefício para o paciente.

Viscoterapia além do câncer

Por sua farmacologia complexa e abrangente, o Viscum album tem sido utilizado, com sucesso, no tratamento de outras enfermidades. Incluem-se aí doenças das articulações, algumas doenças imunológicas, infecções crônicas ou de repetição, entre outras.

Estudos científicos

Além de centenas de estudos pré-clínicos, foram publicados até 2019, com o Viscum album Helixor, mais de quatro dezenas de relatos de casos clínicos, 23 estudos de farmacologia clínica, 35 estudos de eficácia clínica, 18 estudos de segurança clínica, 32 teses de doutorado, uma de

Daniel Magano

pós-doutorado e 26 revisões e meta-análises. Novos estudos clínicos estão em andamento em centros renomados.

Para mais informação técnica e médica sobre o Viscum album e a viscoterapia, bem como sobre eventos relacionados, contate **magano@danielmagano.com**